

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

CAPÍTULO 1. MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: ORIGEM E MOTIVAÇÕES

C1. Exercício 1. L (pressupõe a existência de um componente léxico), M (na Morfologia Distribuída, as raízes adentram a derivação sintática sem especificação de categoria), L (alguns aspectos da morfologia não são derivados pela sintaxe), L (na Morfologia Distribuída sons são dissociados da representação abstrata até o momento da inserção de vocabulário), M (característica fundamental da Morfologia Distribuída).

C1. Exercício 2. /ene/ → [plural], [definido]; /en/ → [animado], [definido]; /er/ → [animado], [plural]; /et/ → [definido].

CAPÍTULO 2. LISTA 1: TRAÇOS MORFOSSINTÁTICOS E RAÍZES

C2. Exercício 1. No primeiro passo do exercício, os alunos deverão identificar os morfemas das formas verbais e, na sequência, descrever os traços dessas formas, levando em conta cada um dos paradigmas separadamente.

Paradigma 1:

Raiz √FAL

Morfemas

Vogal temática verbal *a*

-va-

traços

[1ª conjugação]

[Pret. Imperfeito], ou [+passado]

-s	[2ª pessoa, -plural]
∅ (morfema zero)	[-plural]. Será apenas singular, porque este morfema aparece na 1ª pessoa e na 3ª pessoa.
-mos	[1ª pessoa, +plural]
-eis	[2ª pessoa, +plural]
-m	[3ª pessoa, +plural]

Paradigma 2

Raiz √CANT	traços
Vogal temática verbal <i>a</i>	[1ª conjugação]
∅ (morfema zero)	[-plural]. O aluno deve perceber que apesar do pronome a gente ser interpretado como plural, a concordância é realizada no singular.
-m	[+plural]. No paradigma 2, o morfema -m tem apenas o traço de [+plural], porque ele pode aparecer nas 2ª pessoa e 3ª pessoa, ou seja, é subespecificado para pessoa.

C2. Exercício 2. Neste exercício, o aluno deverá identificar, em primeiro lugar, qual é a raiz do verbo *ter*. O aluno poderá chegar à conclusão de que o verbo *ter* tem uma raiz como √TEN, com uma consoante nasal representada por [N]. Essa raiz, em um contexto de presente do indicativo, possui a forma /teN/, mas, no futuro do subjuntivo, há uma mudança da vogal interna à raiz, que passa de /e/ para /i/, além de a nasal mudar para a fricativa labiodental sonora /v/. Desse modo, no futuro do subjuntivo, a raiz passa a ser /tiv/. Como não há uma mudança total na raiz, uma vez que a consoante /t/ permanece, a supleção pode ser considerada parcial. Vejamos os contextos de mudança:

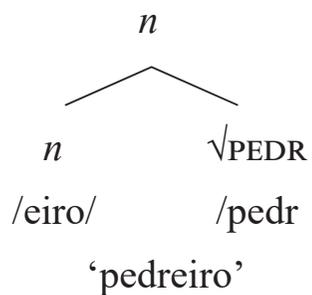
(1) /teN/ → __[√TEN v, presente, indicativo]

(2) /tiv/ → __[√TEN, v, futuro, subjuntivo]

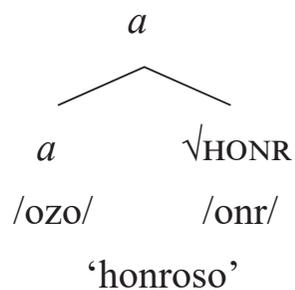
C2. Exercício 3.

(3)

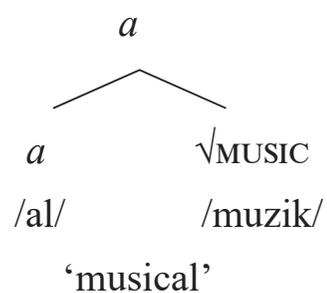
a. pedreiro



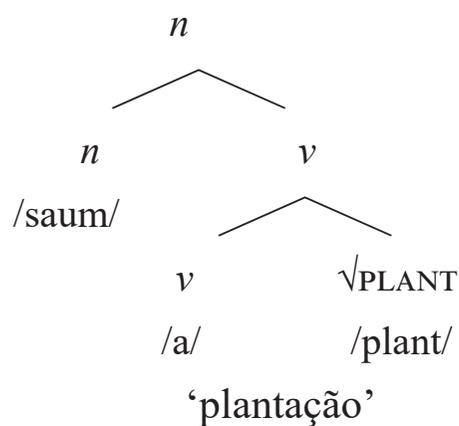
b. honroso



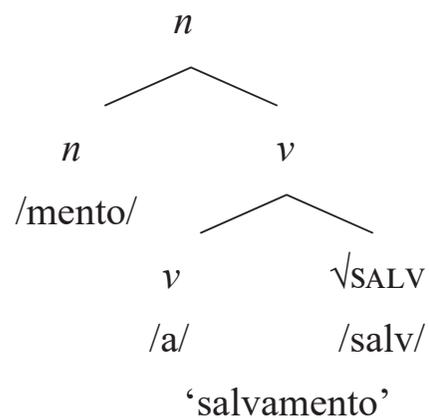
c. musical



d. plantação



e. salvamento



CAPÍTULO 3. LISTA 2: VOCABULÁRIO

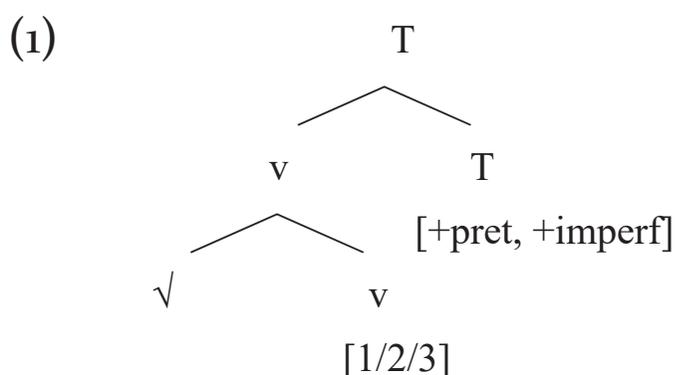
C3. Exercício 1. Os dados em (1) exemplificam alomorfa de plural. Para comentá-los melhor, podemos dividi-los em dois grupos: (1a) e (1b) de um lado e (1c) e (1d) de outro. Em (1a), o alomorfe de plural é [s]. Em (1b), o alomorfe de plural é [z], porque se encontra entre duas vogais e obrigatoriamente fica vozeado. Esses dois exemplos demonstram que o mesmo conteúdo pode sofrer alterações de vozeamento dependendo dos elementos que o rodeia. Portanto, podemos conceber o conteúdo de plural como divorciado da fonologia que, em última análise, pode se realizar de diferentes formas. Os dados em (1c) e (1d), por outro lado, mostram que a realização de plural pode sofrer pequenas alterações de acordo com a palavra envolvida, o que, novamente, corrobora a dissociação do conteúdo fonológico da expressão do plural.

C3. Exercício 2

1. Sendo o morfema terminal abstrato de primeira pessoa do plural do presente do verbo *to be* plenamente especificado como (\sqrt{BE} [+AEF, +PEF, +pl, +Pres., +Fin]), os IVs com material fonológico correspondentes a *am*, *i*-<z>, *was*, *are*, *were*, e *be* são, todos, especificados a partir de conjuntos de traços que constituem subconjuntos dos traços do morfema abstrato. Dessa forma, satisfazem a cláusula (a) do Princípio do Subconjunto e podem compor a lista dos itens de vocabulário competidores para inserção nesse nó.
11. O vencedor, nesse caso, será o Item de Vocabulário *are* $\leftrightarrow \sqrt{BE}$ [+Pres., +Fin], que contém o maior subconjunto de traços compatíveis com o nó terminal abstrato.

C3. Exercício 3. A forma dos morfemas de pretérito imperfeito, cujos

traços podem ser representados por [+pret, +imp], são realizados como -va- quando seguem a vogal temática de primeira conjugação -a-, a vogal temática default, e como -ia- quando seguem as vogais temáticas de segunda e terceira conjugações, especialmente utilizadas no contexto de determinadas raízes. Podemos assumir que as vogais temáticas são inseridas em núcleos que portam os traços de classe 1, 2 e 3. Há, então, um condicionamento morfológico, que pode ser observado no contexto especificado nos Itens de Vocabulário:



(2) Itens de vocabulário:

a. /va/ ↔ [+pret +imp] /__[1]

b. /ia/ ↔ [+pret +imp] /__[2/3]

Alternativamente, podemos assumir que o Item de Vocabulário que relaciona [+pret +imp] a -va- é o menos especificado, e notá-lo como o elemento *default*, ou seja, elemento que aparece nos demais ambientes.

(3) Itens de vocabulário:

a. /ia/ ↔ [+pret +imp] /__[2/3]

b. /va/ ↔ [+pret +imp] /__

C3. Exercício 4.

a. Para chegar ao paradigma fornecido no exercício são

necessários os seguintes Itens de Vocabulário

- [1p, sg, presente] ↔ -e
 - [2p, sg, presente] ↔ -st
 - [presente, pl] ↔ -en
 - [presente] ↔ -t
- b. As peças sincréticas no paradigma fornecido são as seguintes:
- -t: se superficializa nos seguintes conjuntos de traços: [3p, sg, presente] e [2p, pl, presente]. Dessa forma, tal peça morfofonológica é subespecificada para pessoa e para número, pois a especificação de um desses valores, impediria a inserção no outro contexto relevante.
 - -en: se superficializa nos seguintes conjuntos de traços: [1p, pl, presente] e [3p, pl, presente]. O que essas duas configurações de traços têm em comum são os traços [pl, presente], que constituem a especificação dessa peça morfofonológica. Assim, tal elemento é subespecificado para o traço de pessoa.

A subespecificação permite que o sincretismo receba uma explicação sistemática, além de diminuir a quantidade de Itens de Vocabulário que previsão ser especificados na Lista 2.

CAPÍTULO 4. LISTA 3: A ENCICLOPÉDIA

C4. Exercício 1. Seguir o modelo para as demais expressões idiomáticas escolhidas.

Nas expressões idiomáticas a interpretação semântica não é uma função composicional de suas partes. Considerando a assunção da decomposição plena, que impede que elementos complexos sirvam como átomos sintáticos, a Morfologia Distribuída propõe que as expressões idiomáticas sejam derivadas no componente

sintático. No modelo fornecido no enunciado do exercício, podemos perceber que o número de argumentos do verbo *chutar* é mantido nas duas interpretações. Aliás, a própria possibilidade de que a expressão seja composicionalmente interpretada parece ser uma evidência de que ela é gerada no componente sintático. Além disso, mesmo na interpretação idiomática, por exemplo, a expressão idiomática em questão, sendo um sintagma verbal, terá as propriedades dessa categoria, sendo, portanto, especificada com os traços verbais – tempo, aspecto, número e pessoa, por exemplo. Por fim, no argumento interno (*o pau da barraca*), podemos ver sinais de composicionalidade na concordância de gênero e número estabelecida no interior dos sintagmas nominais (*o pau* e *a barraca*). Além disso, a estrutura interna do sintagma preposicional (*da barraca*) é, em termos estruturais, semelhante a qualquer outro sintagma dessa natureza.

C4. Exercício 2. Resposta aberta. Como modelo vamos utilizar nesta resposta a raiz $\sqrt{\text{CABEÇ}}$

Instruções na Lista 3

$\sqrt{\text{CABEÇ}} \leftrightarrow$ “extremidade superior do corpo humano” / [n [] $_{\sqrt{}}$]

$\sqrt{\text{CABEÇ}} \leftrightarrow$ “pessoa inteligente” / [n [] $_{\sqrt{}}$]

$\sqrt{\text{CABEÇ}} \leftrightarrow$ “chefe” / [n [] $_{\sqrt{}}$]

$\sqrt{\text{CABEÇ}} \leftrightarrow$ “vida” / [$_{\text{VP}}[_{\text{V}} \text{cuitar}]$ [$_{\text{DP}}[_{\text{Det}} \text{a}]$ [$_{\text{N}}$ [n [] $_{\sqrt{}}$]]]]]

$\sqrt{\text{CABEÇ}} \leftrightarrow$ “pessoa distraída” / [n [] $_{\sqrt{}}$] [$_{\text{PP}}[_{\text{P}} \text{de}]$] [$_{\text{NP}}$ [$_{\text{N}} \text{vento}$]]]

C4. Exercício 3. A Lista 3 armazena os significados de natureza conceitual, que serão atribuídos às raízes a partir do ambiente sintático em que elas são inseridas. Estando relacionada aos conteúdos relevantes para a interpretação, a Lista 3 deve

estar necessariamente alocada pós-sintaticamente e no ramo interpretativo do modelo, ou seja, LF. No entanto, o lugar da Lista 3 em relação ao ramo de PF não é consensual no modelo, estando sujeito a dois tipos de abordagens na literatura: uma que assume que a Lista 3 tem acesso unicamente a LF e outra que aponta a necessidade de que a Lista 3 acesse, na verdade, as duas interfaces, ou seja, tanto LF como PF. O primeiro tipo de abordagem está relacionado à visão de que as raízes são diferenciadas uma das outras já na Lista 1, seja através de uma representação fonológica subjacente, seja através de um índice numérico. O segundo tipo de abordagem, por sua vez, está relacionado à ideia de que as raízes não são individualizadas na Lista 1, sendo necessária, dessa forma, uma checagem de qual Item de Vocabulário é inserido na posição da raiz no ramo de PF.

CAPÍTULO 5. OPERAÇÕES MORFOLÓGICAS

C5. Exercício 1. Uma análise possível para esses dados se baseia na proposta de deslocamento local de Embick e Noyer (2001). O reordenamento dos elementos constituintes dessa coordenação parece ter motivação fonológica, ou, em outros termos, parece ser sensível à inserção de vocabulário: portanto, após inserção de vocabulário, ocorre a linearização e, em seguida, algum tipo de *merge* se realiza, tal como o deslocamento local.

- a) Estrutura morfológica – $[_{nP} [_a a-Q] [_n n-Q]] [_{cl} [_{nP} [_a a-Q] [_n n-Q]]]$
- b) Inserção de vocabulário – $[_{nP} [_a bon-i] [_n puer-i]] [_{cl} -que [_{nP} [_a bon-ae] [_n puell-ae]]]$
- c) Linearização – $[_{nP} [_a bon^*i]^*[_n puer^*i]]^*[_{cl} -que^*[_{nP} [_a bon^*ae]^*[_n puell^*ae]]]$

d) Deslocamento local – $[_{nP} [_a \text{bon}^*i]^*[_n \text{puer}^*i]]^*[_{cl} [_{nP} [_a [_a \text{bon}^*ae]^*que] [_n \text{puell}^*ae]]]]$

C5. Exercício 2. Uma regra de empobrecimento dos traços de gênero nos contextos de flexão fraca vai garantir que nem /t/, marcado positivamente por gênero, e nem \emptyset , marcado negativamente, para esse traço, sejam inseridos no paradigma de flexão fraca.

C5. Exercício 3. A operação de abaixamento se aplica à sentença *John secretly booked the hotel* e a evidência para isso é a presença da marca de [pret.] no verbo. A aplicação da operação é possível porque a presença de um advérbio entre os elementos envolvidos na operação não quebra a adjacência entre eles.

CAPÍTULO 6. ESTRUTURA ARGUMENTAL EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

C6. Exercício 1. As sentenças no exercício 1 não são causativas porque não são ambíguas com o modificador *quase*. Em uma sentença como *O menino quase sabe matemática*, a interpretação mais provável é de que ele quase aprendeu matemática. Não é possível que ele quase termine de saber matemática. Isso ocorre porque um verbo como *saber* não tem camadas de processo e resultado e não pode, portanto, ser ambíguo com essa modificação.

O mesmo vai acontecer com a sentença (2). Em *O João quase comeu a melancia*, a interpretação é de que o João quase começou a comer. Não é possível a interpretação de que ele quase terminou de comer a melancia. Para tal interpretação, seria necessário a inserção de outras palavras indicando isso na sentença tal como a palavra *toda*, gerando *O João quase comeu a melancia toda*.

C6. Exercício 2. Assumindo uma distribuição complementar entre o clítico *se* e o argumento externo, tal clítico ocupa justamente a posição que o argumento externo ocupa na sentença transitiva: Spec, VoiceP.

C6. Exercício 3. Não é possível defender isso porque as propriedades de seleção dos verbos e das nominalizações dessas raízes são claramente diferentes. No caso da raiz $\sqrt{\text{DESTROY}}$, por exemplo, somente uma sentença transitiva pode ser formada quando essa raiz está em contexto verbal, mas, nas nominalizações, tanto o genitivo, que pode ser interpretado como um argumento externo, quanto a sua ausência são possíveis.

CAPÍTULO 7. FLEXÃO, DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

C7. Exercício 1. A resolução deste exercício se baseia em Bassani e Lunguinho (2011). A partir do seguinte paradigma:

Classe I - Eu/Você/Ele cantava

Classe II - Eu/Você/Ele bebia

Classe III - Você/Ele dormia

E de um recorte dos itens de vocabulário definidos em (3):

a. /a/ \leftrightarrow [c_1]

b. /e/ \leftrightarrow [c_2]

c. /i/ \leftrightarrow [c_3]

d. /va/ \leftrightarrow [pret.imp] / [c_1]

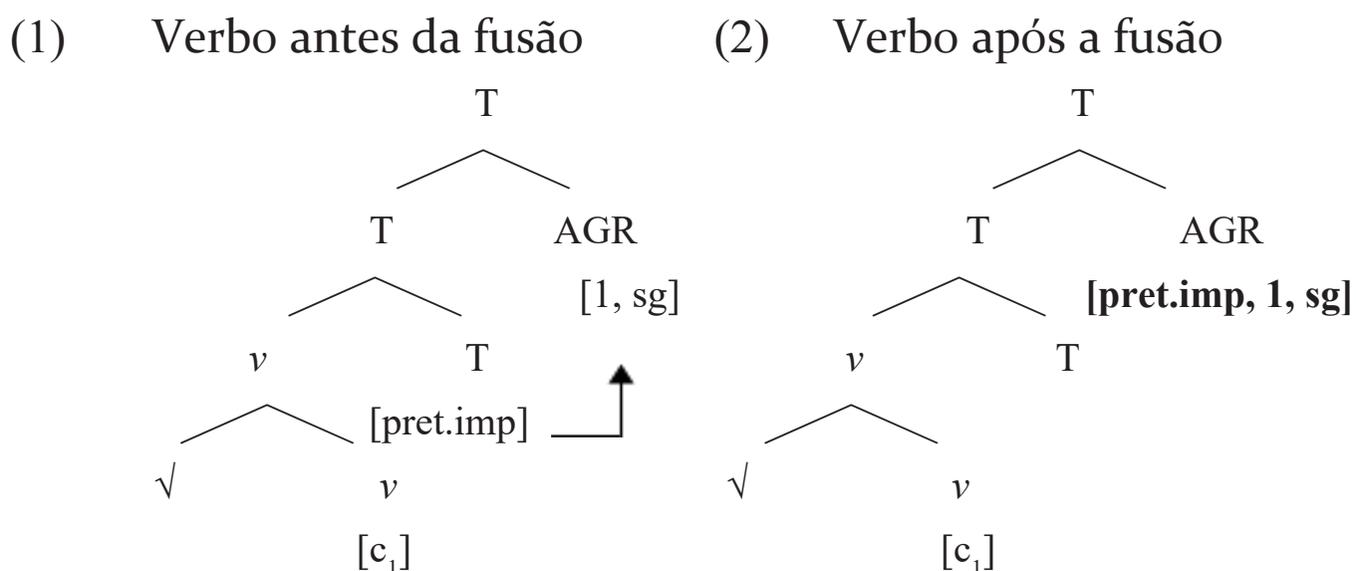
e. /ia/ \leftrightarrow [pret.imp] / [c_2] ou [c_3]

f. /i/ \leftrightarrow [1, sg]

*Note que os Itens de Vocabulário em d. e e. conseguem capturar a

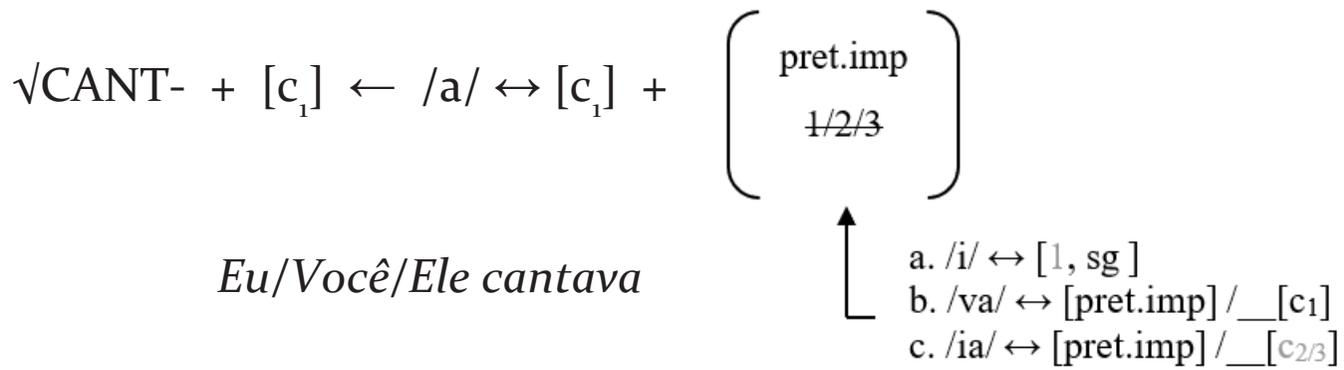
informação de que a forma do traço de tempo é sensível ao contexto de classe.

A estrutura global proposta é a que está em (1) abaixo. No contexto de classe 1, somente dois IVs (-a- e -va-) são inseridos a fim de realizar os traços morfossintáticos. Por isso, podemos propor que fusão ocorre entre T e AGR.



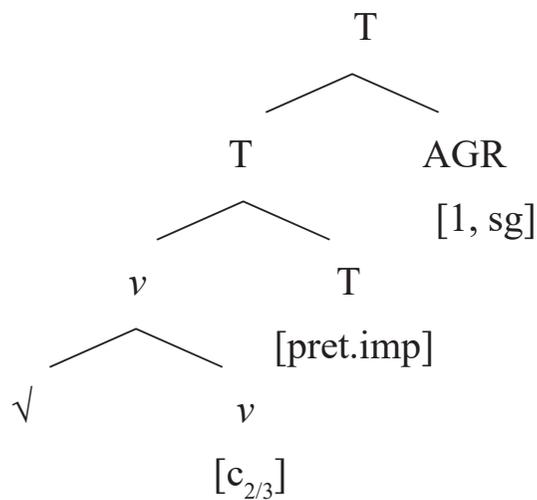
Para a primeira pessoa, o nó terminal [pret.imp,1,sg] gerado tem como candidato ideal o Item de Vocabulário: /i/ ↔ [1,sg]. Essa combinação geraria *cantavai*. Contudo, uma mesma forma é inserida para as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular: *cantava*. Esse fato nos permite identificar os efeitos da operação de empobrecimento sobre os traços do nó terminal (ou apagamento). O empobrecimento atua sobre os traços de pessoa, impedindo a inserção de /i/ ↔ [1, sg] e forçando a inserção de um Item de Vocabulário menos especificado, nesse caso /va/ ↔ [pret.imp] / [c₁]. Note abaixo que os traços de pessoa foram empobrecidos (ou apagados) e, por isso, aparecem como ~~1,2,3~~ e a cor cinza nos traços dos Itens do Vocabulário sinaliza que esses traços são incompatíveis com os do nó terminal:

(3) Empobrecimento e competição

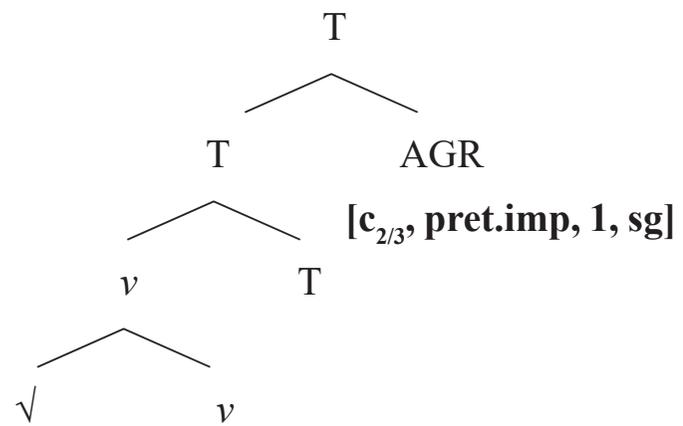


No contexto das classes 2 e 3, também há fusão do traço de classe (v) com os traços dos núcleos T e AGR, uma vez que só há a realização de uma peça fonológica (-ia):

(4) Verbo antes da fusão



(5) Verbo após a fusão



Empobrecimento ocorre novamente, resultando em neutralização das marcas das pessoas do singular. Ainda, dois IVs têm a mesma quantidade de traços especificados na competição para inserção: o item que contém a especificação do traço de classe e o que contém o traço de tempo:

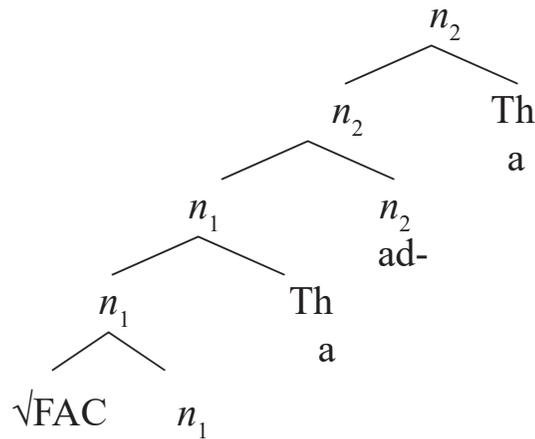


Noyer (1997) sugere que tais conflitos se resolvem por meio de uma Hierarquia Universal de Traços: o Item de Vocabulário com o traço mais alto na hierarquia é inserido em caso de empate. Assim, a inserção de /ia/ ↔ [pret.imp] / [c_{2,3}] em lugar de /e/ ↔ [c₂] ou /i/ ↔ [c₃] sugere que o traço de tempo é superior ao traço de classe no português.

C7. Exercício 2. A resposta é aberta, mas faremos a ilustração de uma possível solução para o exercício através do sufixo -ad(a) formador de substantivos com a semântica de *golpe*.

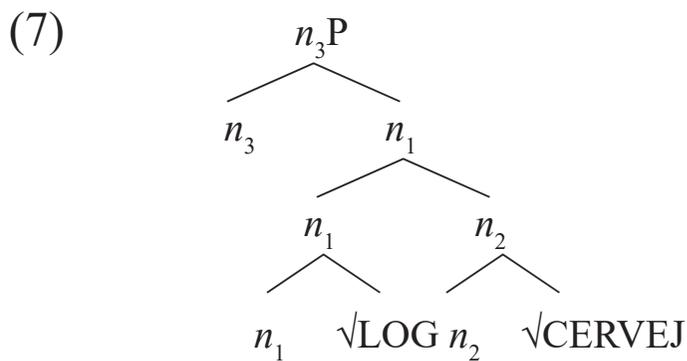
- (a) Conjunto de dados com 10 palavras: facada, pedrada, paulada, bicada, unhada, martelada, mãozada, sapatada, bolada, patada.
- (b) Discutindo o comportamento do afixo:
- Sintaticamente podemos ver que o sufixo -ad(a) forma determina as propriedades formais da palavra formada. Por exemplo, algumas bases presentes no conjunto de dados são masculinas (bico, pau, martelo). No entanto, o gênero final da formação é feminino, o que aponta para um comportamento de núcleo.
 - Semanticamente é possível perceber que tal afixo também determina a interpretação final da formação, o que é um comportamento de núcleo. Assim, a semântica das formações que compõem o conjunto de dados é *golpe dado com* [+semântica da base].

(c) Possível estrutura para os dados: ilustração de *facada*

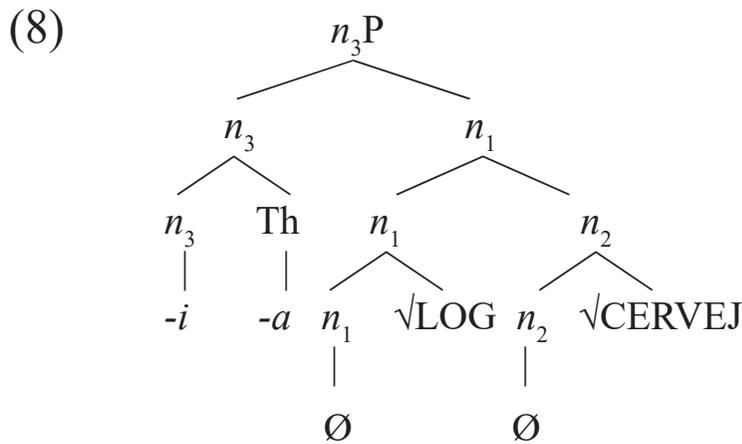


C7. Exercício 3. Para a derivação do composto formado por radicais, *vacinofobia*, temos as seguintes etapas derivacionais.

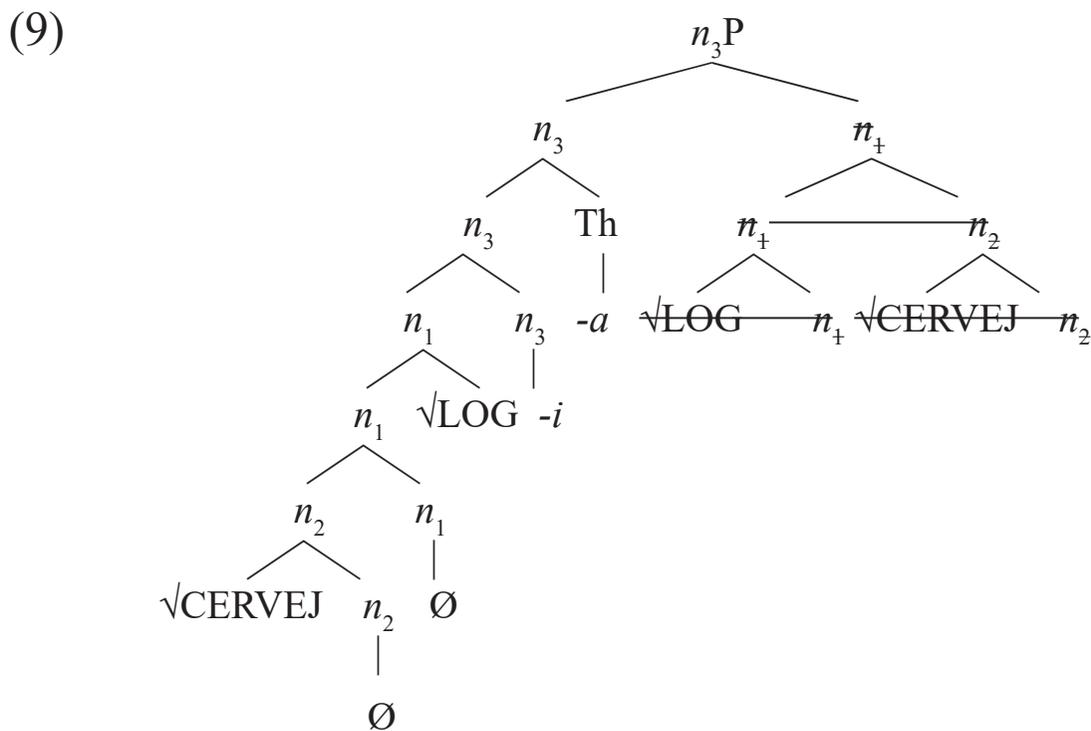
Etapa #1: Derivação do composto no componente sintático. A raiz \sqrt{LOG} toma a raiz \sqrt{CERVEJ} como seu complemento.



Etapa #2: Após o *Spell-Out*, no componente morfológico, os nós terminais dos núcleos categorizadores são preenchidos com conteúdo fonológico:



Etapa #3: Movimentos de núcleo são aplicados pós-sintaticamente na estrutura a fim de gerar a ordem linear dos Itens de Vocabulário que compõem a forma do composto.

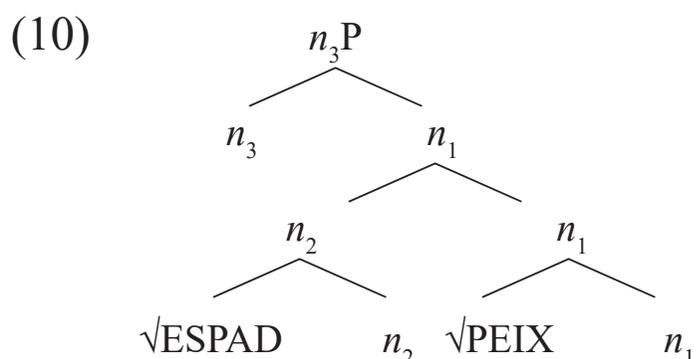


Etapa #4: No momento de linearização da estrutura em (9), após todos os nós terminais terem sido preenchidos como informações de vocabulário, a contiguidade da raiz $\sqrt{\text{CERVEJ}}$, que termina em consoante, e da raiz $\sqrt{\text{LOG}}$, que se inicia em consoante, desencadeará a regra de reajuste fonológico para inserção da vogal de ligação -o-, a menos especificada no português brasileiro, a fim de eliminar o *cluster* consonantal formado, gerando o arranjo linear *cervej-o-log-*

i-a.

Para a derivação do composto formado por palavras, *peixe-espada*, temos as seguintes etapas derivacionais.

Etapa #1: No composto *peixe-espada*, o nome não núcleo *espada* modifica o nome núcleo *peixe*. Com isso em mente, devemos esperar que a combinação [$\sqrt{\text{ESPAD}} + n_2$] seja adjungida à combinação [$\sqrt{\text{PEIXE}} + n_1$], como descrito na estrutura em (10).



Etapa #2: Após o *Spell-Out* sintático, núcleos temáticos Th serão adjungidos ao núcleo categorial de cada raiz, notadamente, n_1 e n_2 (nomeadamente *-e*, para n_1 , e *-a*, para n_2). A inserção desses núcleos dissociados Th permite que cada uma das raízes seja realizada como uma forma independente, isto é, como uma palavra.

Etapa #3: No momento da linearização da estrutura em (10), o nome adjungido *espada* será linearizado à esquerda do nome *peixe*, seguindo a ordem linear canônica dos modificadores nominais em português. Como resultado, obtemos o composto *peixe-espada*.

CAPÍTULO 8. MORFOLOGIA NÃO CONCATENATIVA EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

C8. Exercício 1. Uma possibilidade a ser investigada seria a de dizer que o nó terminal sintático que abriga o traço [n] não contém outros traços além dele. Sendo a operação de empobrecimento na estrutura morfológica direcionada ao único traço do nó terminal, a inserção de outros Itens de Vocabulário será bloqueada, uma vez que não haverá um conjunto de traços morfossintáticos que sirva de base para as instruções de um Item de Vocabulário. Em outras palavras, nenhum Item de Vocabulário poderá ser especificado para um subconjunto dos traços desse nó terminal.

C8. Exercício 2. A forma *mota*, se existir, não exprime o mesmo que *motora*, ou seja, *motorista*, com uma interpretação avaliativa: a diferença entre as derivações de *motora* e de *neura* está no fato de que, antes de se tornar o nome *motora* (n_2 na representação a seguir), a derivação passa por um primeiro estágio nominal, para formar o nome *motor* (n_1), o que não ocorre com *neura*, que pode ser derivada a partir da raiz. No caso de *motora*, a derivação parte do nome *motor*, que se forma a partir da raiz $\sqrt{\text{MOT}}$, categorizada por n_1 . Será necessária uma segunda categorização à qual se adjungirá o núcleo avaliativo, pois a intenção é formar o nome da entidade agentiva que dirige um veículo automotor com interpretação avaliativa. A representação em (a) ilustra os passos sintáticos, incluindo o movimento de núcleo da raiz para n_1 e de n_1 para n_2 . A representação em (b) ilustra os passos morfológicos de inserção de morfemas dissociados (\mathfrak{S}_1 e \mathfrak{S}_2), que vão abrigar os sufixos temáticos para os dois estágios nominais. O núcleo avaliativo, como vimos, desencadeia o apagamento do traço n da categoria n_2 apenas. O traço n da categoria n_1 é mantido, pois EVAL não pode dentro de n_1 .

b. Ditongação

linha 1 *
 linha o * (* *
 [têm.po.ɾaw]

SIL/EP = silabificação/Epêntese

RGA = Regra geral de acento

RSP = Regra de acento para sílabas pesadas

C9. Exercício 2. As duas palavras destacadas - *pré-texto* e *pretexto* - possuem praticamente os mesmos segmentos, mas apresentam as seguintes diferenças semânticas, prosódicas e morfológicas:

- (1) Todo texto necessita de um *pré-texto*.
 - a. *pré-texto* é semanticamente composicional: significa um elemento textual que precede o texto, em outras palavras, pode-se atribuir um significado isolado e coeso tanto para o prefixo *pré* quanto para o substantivo *texto*. Isso se reflete na ortografia da palavra, em que um hífen é utilizado para separar prefixo e base;
 - b. Os elementos *pré* e *texto* possuem estatuto de palavra fonológica, isto é, possuem um acento primário cada. Em termos fonológicos, *pré-texto* tem estatuto semelhante ao das palavras compostas. Por isso, Schwindt (2001) atribui aos prefixos acentuados o estatuto de prefixo composicional. Esse fato se reflete na ortografia pela atribuição de um acento gráfico à vogal *e*.
 - c. A vogal anterior média não arredondada de *pré* é sempre realizada como baixa [ɛ].
 - d. Prefixo e substantivo podem ser morfológicamente separados, com manutenção do significado original da palavra complexa, ou seja, *pré* possui (certa) independência morfológica. Por exemplo, é aceitável a seguinte expressão: *Não consegui*

*escrever nem um **pré** e nem um **pós-texto**. A expressão fica melhor se usarmos *pré-textual*: *Esse artigo não tem elementos **pré** ou **pós-textuais**.**

- (2) A chuva foi somente um **pretexto** para ele não sair de casa.
- possui interpretação não composicional (ou especial), com significado de “desculpa para não realizar determinada tarefa”.
 - possui apenas um acento primário, na sílaba ‘tex’, ou seja, é uma paroxítona;
 - a. e b. se refletem na ortografia da palavra: sem hífen e sem marca de acento agudo.
 - em alguns dialetos, a vogal média anterior do prefixo se realiza como alta, provavelmente por um processo de neutralização (opcional) da vogal pretônica;
 - prefixo e substantivo são inseparáveis: **A chuva não é nem **pre** e nem **postexto** para você não sair hoje.*

Essas diferenças podem ser tratadas em termos estruturais se *pré* e *texto* forem considerados como elementos introduzidos em diferentes ciclos da derivação em *pré-texto* e como elementos internos a um mesmo ciclo da derivação em *pretexto*.

C9. Exercício 3. Várias respostas possíveis. Para citar um exemplo, tomemos abaixo a alomorfa que afeta o prefixo *-i(N)*, que expressa negação e tem origem latina. Observe abaixo que o prefixo assume diferentes formas fonéticas, o que pode se espelhar em diferentes grafias em alguns casos:

- (3)
- [ĩn] **inativo, inexistente, inoperante;**
 - [i] **ilegal, irreal, imoral, inegociável;**
 - [ĩ^m] **impróprio, imbatível;**
 - [ĩⁿ] **indecente, intolerante;**

- e. [ĩ^ɲ] **incansável, ingrato;**
 f. [ĩ] **infeliz, inviável, incerto, injustiça.**

O prefixo assume a forma de:

- i. uma vogal nasal anterior alta não arredondada seguido de uma consoante nasal alveolar quando diante de vogais (3a.),
- ii. uma vogal oral anterior alta não arredondada diante de consoante lateral alveolar, fricativa glotal (ou vibrante em alguns dialetos) e de consoantes nasais (3b),
- iii. pode assumir a forma de vogal nasal anterior alta não arredondada seguido de uma co-articulação de consoante nasal bilabial diante de consoantes oclusivas bilabiais (3c), o que se reflete na grafia ‘im’;
- iv. ou de uma coarticulação de consoante nasal alveolar diante de consoantes oclusivas alveolares (3d), o que se reflete na grafia ‘in’;
- v. ou de uma coarticulação de consoante nasal velar diante de consoantes oclusivas velares (3e);
- vi. finalmente, pode se realizar somente como vogal nasal anterior alta não arredondada, antes de consoantes fricativas labiodentais, alveolares ou pós-alveolares.

Independentemente da análise estrutural que se possa fazer dessas formações, os dados apontam que se trata de alomorfa foneticamente condicionada pela adjacência linear do prefixo ao primeiro segmento da raiz.

CAPÍTULO 10. DOMÍNIOS DE LOCALIDADE NA INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA

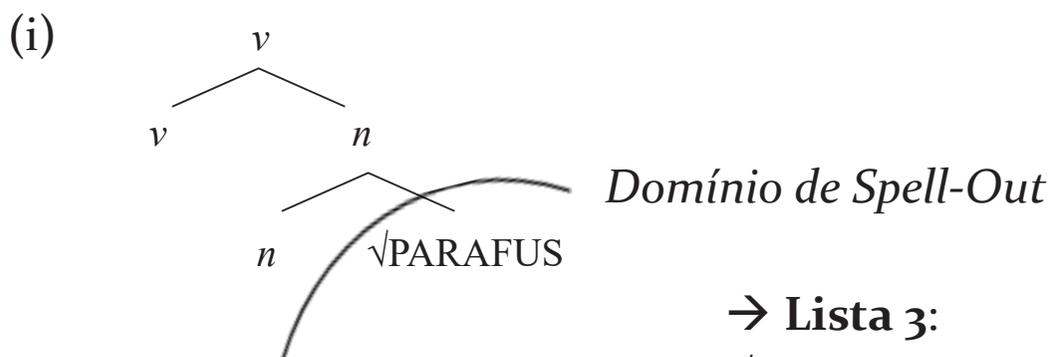
C10. Exercício 1. Para as hipóteses lexicalistas, de modo geral, objetos linguísticos com significados polissêmicos ou idiomáticos estão armazenados integralmente em um léxico pré-sintático, sejam eles palavras ou sintagmas. O léxico, nesse sentido, pode ser entendido como um repositório de idiosincrasias. Dentro dessa perspectiva, qualquer objeto linguístico com conteúdo idiosincrático será inserido no componente sintático já formado e interpretado como uma unidade atômica pelas operações sintáticas. A Morfologia Distribuída, por outro lado, descarta a hipótese de que as idiosincrasias semânticas se circunscrevem à estrutura morfológica e, por conseguinte, ao léxico. O modelo propõe, alternativamente, que as idiosincrasias semânticas se limitam ao primitivo da Gramática associado a um conteúdo lexical, ou seja, às raízes, e são determinadas pós-sintaticamente no componente interpretativo. Mais precisamente, todo conteúdo que uma raiz pode apresentar, polissêmico ou em um contexto idiomático, está catalogado na forma de entradas enciclopédicas em uma lista pós-sintática – a Lista 3 –, a qual é responsável por abrigar nosso conhecimento de mundo. A emergência de significados polissêmicos e idiomáticos decorre, em vista disso, do modo como as raízes, em uma estrutura sintática, são associadas às suas entradas enciclopédicas na Lista 3 pós-sintaticamente.

C10. Exercício 2. Podemos admitir como exemplos de morfemas internos os sufixos diminutivos *-inho/a* e aumentativos *-ão/-ona*. Isso se justifica pelo fato de que sua ocorrência nos dados nem sempre dá origem a palavras cujos significados se compõem a uma interpretação diminutiva, como em *carrinho* (ou seja, um carro

pequeno), ou aumentativa, como em *cadernão* (ou seja, um caderno grande), o que nos indica que esses sufixos têm acesso à raiz e podem influenciar sua interpretação (*caipirinha*, *camisinha*, *sacolão*, *quentão* e *palavrão*). Por outro lado, são exemplos de morfemas externos os sufixos diminutivos *-zinho/a* e aumentativos *-zão/zona*. Esses sufixos, quando presentes em uma palavra, somente agregam um significado diminutivo ou aumentativo, tal como se verifica em *poetazinho*, *meninozinho*, *mapazinho*, *serpentezinha*, *pastelzão*, *pazona* e *panelazona*. Podemos dizer, portanto, que esses sufixos estão concatenados em uma posição distante – ou seja, mais externa – das raízes na estrutura sintática da palavra, fato que impede que eles influenciem sua interpretação. Tal assunção pode ser corroborada pela presença de uma vogal temática anteriormente ao sufixo, o que nos mostra que é a palavra, mas não a raiz, que lhe serve de base.

C10. Exercício 3. Os verbos ilustrados neste exercício nos mostram que nem sempre os nomes figurando internamente a verbos denominais, notadamente, *punhal*, em (a), e *parafuso*, em (b), são considerados em sua interpretação. Isso é o que acontece, em particular, com o verbo *apunhalar*. Enquanto é inaceitável *parafusar* um objeto utilizando um instrumento diferente de um parafuso (no caso, um prego), como ilustrado na sentença em (b), é possível admitir que outro instrumento, diferentemente de um punhal, seja utilizado para se apunhalar alguém, como notamos na aceitabilidade da sentença (a). Considerando essa variação de interpretação, podemos hipotetizar, à luz da abordagem Marantz-Arad que, enquanto o verbo *parafusar* é derivado do nome *parafuso*, o verbo *apunhalar* é derivado diretamente da raiz $\sqrt{\text{PUNHAL}}$. A justificativa é a seguinte: enquanto o verbo *parafusar* implica a existência (ou o uso) do nome/entidade *parafuso*, o significado do verbo *apunhalar* não implica a presença do nome *punhal*. Assim, levando em conta

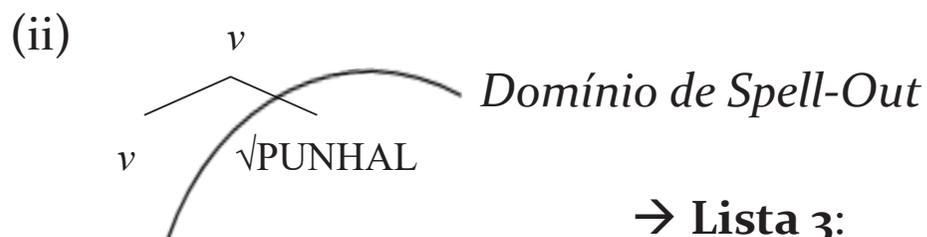
questões de localidade estrutural e a interpretação desses verbos, *parafusar* compreenderia a seguinte estrutura interna:



→ **Lista 3:**

√PARAFUS, no ambiente [_n],
 Σ: ‘peça de fixação cônica ou cilíndrica’

Primeiramente, seria formado o nome *parafuso* a partir da concatenação da raiz √PARAFUS a um núcleo categorial *n*. Dado que todo núcleo categorial opera como um núcleo de fase, a raiz √PARAFUS seria enviada para a interface semântica e receberia uma interpretação nominal. Em seguida, a verbalização da combinação [*n* + √PARAFUS], através da concatenação do núcleo categorial *v*, geraria um verbo cujo significado deve se compor ao significado do nome *parafuso*, tendo em vista que *v* estaria estruturalmente distante da raiz √PARAFUS, por se tratar, nesse caso, de um morfema externo. Dessa configuração estrutural, resultaria o fato de que o verbo resultante, *parafusar*, corresponde necessariamente a uma atividade que envolve o nome/entidade *parafuso*. Por outro lado, o verbo *apunhalar* seria derivado diretamente da raiz √PUNHAL, como representado em (ii):



→ **Lista 3:**

\sqrt{PUNHAL} , no ambiente [v],

Σ : ‘golpear’

Neste caso, o verbo não envolve um domínio nominal, sendo derivado diretamente da raiz. Como consequência, não é necessário implicar a existência (ou o uso) do nome *punhal* na ação descrita. O verbo resultante descreve fundamentalmente o modo da ação, sem implicar um objeto particular com a qual ela é efetuada, tal como se observa com a aceitabilidade da sentença (a).

